



# Oba-oba tecnológico



**Dilei Vilela**  
Mestre em Comunicação,  
pedagoga e historiadora

**C**omecei o ano lendo sobre a educação e seu futuro. O primeiro texto foi sobre a Finlândia, que quer, até 2017, o fim da escrita cursiva nas suas escolas, ficando só a de forma, tudo por causa dos teclados, que estão cada vez mais em moda: nas mãos de alunos, professores, médicos, advogados, balconistas, escriturários, garis, tocadores de bumbos, sanfoneiros etc.

As escolas, que são meu reduto de trabalho e observação, também estão se aperfeiçoando e implantando programas modernos e projetos tecnológicos que, a um clique, nos oferecem pastas e mais pastas de formulários, de questionários, de sugestões para fazer de tudo, e só então imprimir.

Nossa educação está sendo pautada e ultimamente dirigida pela informática. Às vezes, o responsável pelo DI da escola não é pedagogo, então cria cada coisa para professores e coordenadores seguirem que só por Deus! Existem escolas onde o dirigente, ao viajar pelo mundo, traz novidades e pede que sejam implantadas rapidamente. Isso é bom, mas seria melhor se os docentes e coordenadores fossem avisados, preparados e instruídos sobre as tais novidades que estão dando certo nesses países de primeiríssimo mundo, mas aqui no "interior tupiniquim", não sei não.

Mas como o oba-oba está em pleno andamento, compram programas, compram aplicativos, compram softwares. Isso é bom? É ótimo, a sociedade deve saber que a escola possui a mais alta tecnologia, que tem site próprio, que tem Facebook com novidades todos os dias, grupos de

alunos, grupos de professores, grupos de mães, em que se fala de tudo, mas tudo mesmo. Tudo está nas redes sociais, se não está lá é porque “não aconteceu”.

Isso também está sendo programado para a educação, toda essa tecnologia, que tem respostas para todas as nossas necessidades. Será? Para essa informatização que me apresentam, tenho alguns questionamentos:

**a) Trabalhos** – Quando pedir trabalhos escolares com data e padronizados, devo aceitar que se faça o “copiar e colar” impresso, pois ele está inserido no contexto tecnológico que eu propaguei sermos adeptos? Ou aceito o mesmo trabalho escrito à mão (não importa se foi cópia do copiar/colar)? Ou desconfio de tudo que meu aluno trouxe?

**b) Informática** – Quando levar os alunos para a sala de informática, devo desconfiar de que eles vão para sites que não conheço e que poderão ver algo proibido (para eles ou para mim?) ou deixá-los livres e incentivar pesquisas, confiando neles? Devo travar tudo e fazer dessa sala – que é a biblioteca informatizada da geração deles, onde eu sou o vigia e senhor do conhecimento – um tempo perdido?

**c) Aconselhamento** – Quando me deparar com um aluno com problemas familiares, amorosos, sofrendo por ter brigado com colegas, com morte na família, preocupado com suas notas, ou por algum motivo que lhe causa mágoa, como coordenadora, o que fazer? Qual é mesmo o programa que devo acessar – ou será um aplicativo? Não encontro no Facebook e, nessa situação não adianta pedir *selfie*. Então, o que faço?

*Nenhuma máquina (...) vai substituir uma acolhida, uma palavra de conforto ou uma sugestão em horas angustiantes.*

Nessas situações descritas, como proceder? Mando um e-mail aos pais ou responsáveis, apenas comunicando o problema, ou deleto esse ser humano, que é pouco mais que uma criança e pede ajuda? Que faço com todos esses programas de informatização frente a alguém que só quer ser ouvido e entendido, mesmo que precise de ajuda, mas também ouvido e orientado? Nenhuma máquina com programa vai substituir uma acolhida, uma palavra de conforto ou uma sugestão em horas angustiantes.

Na educação, em que o produto é a criança/jovem e o resultado final será um cidadão responsável, o oba-oba tecnológico deve ser implantado sim, mas levando-se em conta que a outra parte é feita por professores e coordenadores que não são máquinas e escolheram, na maioria das vezes, educar com o coração. ■

dileivilela@ig.com.br